

Ficção e veracidade em *O gato e o escuro*, de Mia Couto

Vera Lúcia López de Oliveira Cutolo

RESUMO

Este artigo apresenta uma possível leitura do livro *O gato e o escuro*, de Mia Couto. O objetivo é verificar em que medida a ficção e a veracidade estão presentes na obra. O estudo se inicia com uma breve explanação sobre a teoria da verossimilhança, a história do negro assimilado, apresentação da obra, análise da história, conclusão e referências bibliográficas.

Palavras-Chave: Literatura Infantil. Mia Couto. Verossimilhança. História da África.

ABSTRACT

This article presents one possible reading of the book *The Cat and the dark*, Mia Couto. The objective is to verify the extent to which fiction and reality are present in the work. The study begins with a brief explanation of the theory of verisimilitude, the story of the assimilated black, presentation of the work, analysis of the history, conclusion and references.

Keywords: Children's Literature. Mia Couto. Likelihood. History of Africa.

INTRODUÇÃO

De acordo com Antonio Candido, em todo gênero textual, a narrativa “repousa sempre sobre uma organização formal de certas representações mentais, condicionados pela sociedade em que a obra foi escrita” e “espelha uma certa realidade ou de elaboração da realidade”.

Partindo dessa afirmação, esse artigo pretende apresentar elementos que sustentem a tese de que a obra *O gato e o escuro*, de Mia Couto vai muito além de uma simples história infantil sobre o medo que as crianças têm do escuro. Trata-se de uma denuncia à dor e ao sofrimento de um povo, vítima de uma colonização irresponsável, que deixou enormes sequelas em toda uma nação, que ainda hoje luta para superar as consequências que marcaram sua cultura e sua gente.

Para que tal afirmação ganhe credibilidade, é preciso conhecer um pouco sobre a vida de seu autor. Mia Couto é moçambicano, filho de portugueses. Foi militante da Frente de Libertação de Moçambique, lutando pela independência de seu país entre 1964 e 1974, e trabalhou para o governo durante da guerra civil culminada no período de 1976 a 1992. Essa brevíssima biografia já seria suficiente para demonstrar que o autor é uma pessoa com autoridade suficiente para falar sobre um tema tão delicado e, normalmente nos apresentado através da visão do colonizador. Mia Couto, fala em nome de um povo reprimido e muitas vezes, sem voz suficientemente forte para atravessar fronteiras e se fazer ouvir.

Mas por que tais denúncias surgem sob o véu de uma história infantil e aparentemente ingênua?

Segundo Nelly Novaes Coelho, é “ao livro que cabe a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens”. É possível que a escolha do autor em fazer tais denúncias através de um livro dirigido ao público infantil tenha sido proposital.

O estabelecimento de relações entre o universo literário e o mundo real precisa de *tempo* para se concretizar. Esse é o caminho mais seguro para a formação da consciência, que facilitará e ampliará as relações da criança com o universo real que elas estão descobrindo diariamente, no qual precisarão “aprender a se situar com segurança, para nele poder agir”.

Ação: um objetivo a longo prazo, porém mais eficiente. Poderia ser esse mais um dos objetivos do autor: juntar forças para a reconstrução de um povo e mais ainda, evitar que tais arbitrariedades voltem a acontecer. Inserir essas reflexões nos pequenos, certamente resultará na formação de seres mais reflexivos, conscientes e capazes de, efetivamente, mudar o rumo da história.

TEORIA DA VEROSSIMILHANÇA

O texto literário é uma representação da realidade. O poeta recria a realidade. Para tanto, o escritor faz um percurso enviesado para expressar essa realidade. Clarice Lispector dizia que “o escritor usa a palavra como isca”. Fernando Pessoa dizia que “o poeta é um fingidor”. Aristóteles, expressando a representação poética, dizia que nela não havia veracidade e sim a verossimilhança.

Podemos dizer que verossimilhança é a qualidade ou caráter do que é verossímil ou verossimilhante e verossímil é o que é semelhante à verdade.

O princípio de toda narrativa é algum tipo de verdade, mas à literatura foi dada a licença para que nela se instalasse o princípio da dúvida, da fantasia e o que a sustenta é a verossimilhança.

O conceito de verossimilhança, de acordo com Aristóteles, em *Poética*, está na dependência do possível e do necessário, ou seja, não é ofício do poeta narrar o que aconteceu, e sim de representar o que poderia acontecer, aquilo que é possível, verossímil e o necessário à organização da obra. Por essa razão, historiador e poeta são figuras tão distintas, pois o primeiro narra fatos sucedidos; o segundo, fatos possíveis.

A verossimilhança está presente nas estruturas internas e externas da obra. A interna está diretamente relacionada ao modo como a obra está sendo concebida como objeto de representação linguística e simbólica e assim confunde-se com a própria mimese, tanto em seu sentido de produto como de produção. Utiliza um conhecimento já sedimentado por parte do receptor da obra, o que facilita sua leitura e aceitação. A externa, por sua vez, estuda a estrutura do discurso narrativo e suas possíveis relações com a série de outros discursos disponíveis na

sociedade e na cultura onde a obra se dissemina e tem seu modo de recepção, o que significa que todo critério de verossimilhança que venha a se estabelecer é relativo e em parte depende da ordem constituinte dos discursos que o cercam e se constituem como princípio de realidade ou de referencialidade. Sua compreensão depende da composição do arranjo das partes entre si e da significação que pode produzir.

A obra por si só não se descobre verossímil. A especificidade do que seja artístico fica na dependência da ordem de interpretação ou recepção do destinatário com quem ela dialoga.

Sendo assim, a partir de elementos verossímeis, serão destacados nesse artigo elementos que suportem a afirmação de que a obra *O gato e o escuro* conta ao mundo, a história do povo africano, na perspectiva do colonizado.

BREVE HISTÓRIA DA ÁFRICA

Complexa e com muito a ser esclarecido. Assim é a história da África. Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas, baseadas em certa noção de raça negra. Assim, o termo *africano* ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui diversas significações negativas: frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo.

Para os europeus, colonizar significava relacionar-se com os países novos para deles tirar todo o proveito e desfrutar de seus recursos, de qualquer natureza, aproveitando-os no interesse nacional de suas metrópoles e, ao mesmo tempo, levar às populações primitivas as vantagens da cultura intelectual, social, científica, moral, artística, comercial e industrial, já que na visão de seus colonizadores, essas populações encontravam-se privadas de tais vantagens.

Assim sendo, seria a cultura e o modo de vida europeu se sobrepondo à cultura e ao modo de vida de seus colonizados, impondo-se assim, no caso do continente africano, a concepção de superioridade racial, com a raça branca européia se considerando superior à raça negra africana.

Não surpreende, portanto, que os movimentos de resistência tenham eclodido em diversos pontos do continente africano, embora esse fato tenha recebido pouca importância na história, pois a maioria dos pesquisadores e historiadores retrataram apenas a sua visão dos fatos – visão européia – definindo-os como desorganizados e impulsionados por ideologias irracionais.

Tais relatos não se sustentam, visto que a grande maioria das organizações sócio-políticas da África buscou, em algum momento, bases de colaboração com os europeus e, em outros, entraram em confronto direto com eles, em defesa de seus interesses ou valores considerados fundamentais.

A política de assimilação, adotada pelos portugueses, tinha por objetivo converter gradualmente o africano em europeu, o que significava que a organização, o direito consuetudinário e as culturas locais deveriam ser transformadas num processo progressivo de antropofagia cultural. Utilizava-se para isso o ensino da língua da metrópole (a única oficial); da religião e da moral que seriam cristãs; dos costumes, das tradições e da divisão da sociedade em civilizados, assimilados e indígenas.

Os países africanos de língua portuguesa têm pouco mais de 40 anos de independência. Muitos de seus filhos nasceram e morreram sob lutas sangrentas. Há pouco o que se comemorar. Esse povo caminha em busca de sua verdadeira identidade e seus problemas atuais ainda são vistos como resultado de sua desorganização e inferioridade e não como consequência direta de um processo de descolonização desorganizado e inconseqüente.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Resumo da obra *O gato e o escuro*

Em *O gato e o escuro*, o autor pretende “afastar ideias escuras que temos sobre o escuro.”.Pintalgato é um gato como tantos outros gatos: curioso. Adorava passear pela linha que separa o dia da noite.

Apesar das advertências da mãe, o gato avança cada vez mais. Certo dia, passou de vez para o outro lado. Surpreso, descobriu-se preto como a noite. Ainda

chorava quando percebeu que não estava só: ali se encontrava o escuro, que veio ao seu consolo: “não chore, gatinho”. O escuro se apresenta de tal modo que aguça novamente a curiosidade de Pintalgato, que se surpreende ao descobrir um escuro dentro de si mesmo. Um escuro entristecido e cheio de lamentos: “Eu é que devia chorar porque olho tudo e não vejo nada”. O escuro sempre esteve ligado ao medo e ao desconhecido. Aqui, Mia Couto o apresenta de maneira sensível, mostrando que não há motivos para temê-lo:

Sim, o escuro, coitado. Que vida a dele, sempre afastado da luz! Não era de sentir pena? Por exemplo, ele se entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano. Nem os seus mesmos ele distinguia, olhos pretos em corpo negro. (COUTO, 2010, p.18)

Eis que chega a mãe gata e traz luz ao seu filhote e ao escuro. Mais ainda, mãe gata adota o escuro, que agora é um gato.

Proposta de análise

Pintalgato é um gato amarelo, mas poderia ser verde, azul ou rosa. Assim era o homem africano, antes da chegada do colonizador branco. Sua cor era irrelevante, mas por esse “homem branco”, a cor de sua pele foi ressaltada e recebeu conotação negativa. A sustentação dessa idéia se dá a partir do conhecimento da história do autor e do meio em que vive, ou seja, o critério de verossimilhança, que busca saber qual realidade a obra apresenta e o que pode representar ao leitor, dependendo de seu maior ou menor grau de conhecimento do contexto social do autor.

O gato vivia sob os cuidados de sua mãe, que o advertia sobre os perigos de ir para o outro lado. Por quê? O que haveria de tão perigoso lá? A proibição apenas aguçou ainda mais a curiosidade do bichano que, finalmente, adentrou o escuro e se descobriu negro.

“Quando regressava de sua desobediência, olhou as patas adianteiras e se assustou. Estavam pretas, mais que o breu. Escondeu-se num canto, mais enrolado que o pangolim. Não queria ser visto em flagrante escuridão”. (COUTO, 2010, p. 16-17)

Essa passagem representa o momento em que o homem africano cai na armadilha do colonizador. Ele sai da claridade – suas raízes – e se lança num mundo que não lhe pertence. É tragado por uma cultura diferente da sua. Sente medo, solidão. Sente-se sozinho e perdido em sua própria casa.

“Olhou o corpo e viu que já nem se via. Que aconteceu? Virara cego? Por que razão o mundo se embrulhava num pano preto?
Chorou. Chorou. E chorou”. (COUTO, 2010, p. 16)

Os sistemas europeus a que os negros eram submetidos, colocavam-nos como meros receptores dos padrões culturais de outros povos. Através desse sistema, os africanos tomavam conhecimento dos hábitos e costumes estrangeiros como referência, esforçando-se em reproduzir o que lhes era transmitido.

Esse processo postulava que o africano era um ser inferior e sua ascensão somente seria possível através da incorporação da cultura europeia.

Muitos negros acreditaram na missão civilizatória da metrópole ou apenas cederam à "força" colonial. Assimilados, auxiliaram no processo de apagamento da cultura nativa e imposição do modelo europeu.

“Chorou. Chorou. E chorou.
Pensava que nunca mais regressaria ao seu original formato” (COUTO, 2010, p. 16-17)

Seu original formato: sua essência, sua cultura. Pintalgato representa o negro assimilado que percebe, ainda que tardiamente, as reais consequências da assimilação, pois como já foi dito, a colonização portuguesa estabeleceu como método de dominação não apenas a força bruta, mas outros recursos de controle, como a dominação cultural.

O escuro representa toda uma nação, vivendo à sombra, dentro de sua própria Terra, vendo sua identidade se perder, não consegue mais se enxergar: perdeu-se de si mesmo: “Nada sobrava de sua anterior gateza.” (COUTO, 2010, p.18).

Em meio às lamúrias surge a mãe gata, pronta a consolar o escuro. A figura materna representa a consciência e a força de uma raça frente ao infortúnio, ainda hoje luta para resgatar sua identidade.

“- Pois eu dou licença a teus olhos: fiquem verdes, tão verdes que amarelos. E os olhos do escuro se amarelaram.” (COUTO, 2010, p. 22).

A cor amarela não foi escolhida ao acaso. Em seu *Dicionário dos símbolos*, Chevalier e Gheerbrant definem amarelo como “intenso, violento, agudo até a estridência, ou amplo e cegante como um fluxo de metal em fusão, o amarelo é a mais quente, a mais expansiva, a mais ardente das cores, difícil de atenuar e que extravasa sempre dos limites em que o artista desejou encerrá-la”.

“-Sou feio. Não há quem goste de mim.
- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.
- Então, por que não figuro no arco-íris?
- Você figura no meu arco-íris.
- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.
- Os meninos não sabem que o escuro só existe dentro de nós.
- Não entendo, Dona Gata.
- Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?
- Não estou claro, Dona Gata.
- Não é você que mete medo. Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos”. (COUTO, 2010, p. 25-26).

Esse diálogo entre mãe gata e o escuro é bastante representativo. O povo africano encontra-se no escuro, cheio de marcas da guerra e perdido de si mesmo. Mãe gata resgata a identidade do escuro, mostrando que ele é igual aos outros. O medo e a insegurança são sentimentos que criamos e depositamos dentro de nós mesmos – no caso específico da África, o processo de colonização imposto pelos europeus despertou sentimentos de inferioridade, insegurança e medo.

A mãe gata vai além ao adotar o escuro, que toma forma de gato, isto é, se redescobre, renasce. Esse momento pode representar a grande virada, o momento de conscientização e preparação para a luta pela liberdade (e foram várias...).

“- Como posso ser seu Filho se nem sou gato?
E quem lhe disse que não é?
E o escuro sacudiu o corpo e sentiu a cauda, serpenteando o espaço. Esticou a perna e viu brilhar as unhas, disparadas como repentinas lâminas.” (COUTO, 2010, p. 31).

Pintalgato desperta e descobre que tudo foi um sonho. Olha nos olhos da mãe e, lá no fundo, entre uma estreita fenda preta, ele vê “um gato preto, enroscado do outro lado do mundo” (Idem, p. 37). Aqui, o verbo enroscar não foi utilizado ao acaso. *Enroscar* nos remete a algo contínuo, em movimento, como a própria história da África, que ainda hoje, apesar da conquista de sua independência, caminha em busca de sua identidade, perdida durante o processo de colonização. Foram décadas de luta e décadas ainda serão necessárias para a restauração de uma cultura e de um povo massacrado dentro de sua própria casa.

CONCLUSÃO

A proposta desse artigo consiste na apresentação de uma possível leitura da obra *O gato e o escuro*, de Mia Couto, a partir de uma perspectiva de mundo. Numa leitura superficial, verificamos que obra aborda uma questão simples: o medo que as crianças têm do escuro. Na introdução do livro, o próprio autor define: “Esta é uma história contra o Medo”. Nos catálogos bibliográficos, a referida história é indicada para crianças a partir dos 4 anos de idade.

O gato e o escuro e, antes de tudo, um produto narrativo, dentro de um contexto vivido pelo autor, sendo, ao mesmo tempo, criação ficcional e reflexo de sua realidade e de sua visão de mundo. Como fonte literária, representa a opinião daquele que narra os fatos e, como sabemos, todo indivíduo, de uma maneira ou de outra, transmite suas impressões pessoais, não estando isento de emoção.

Se o mundo narrado é sempre um lugar aberto às possibilidades e a narrativa é algo mutante e diretamente ligado à interpretação que seu leitor fará, a partir de sua leitura de mundo, com base em elementos verossímeis – história do negro assimilado e universo do autor – a análise apresentada é viável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Literatura & Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2010.
- COUTO, Mia. *O gato e o escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo, Selo Negro, 2008.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: história e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.